

Tem o euro futuro?

José Tavares*

A DESCIDA do euro face ao dólar desde a criação da moeda europeia tem feito crescer entre os analistas um pessimismo em relação à nascente moeda europeia. Alguns lêem o fim do projecto político e económico europeu. Assim será, mas só se nós o quisermos. As experiências passadas de união monetária demonstram à exaustão a necessidade de compromisso político para o sucesso. A União Económica e Monetária na Europa, como experiência de unificação monetária com motivações eminentemente políticas, por maioria de razão, sobreviverá com a vontade política dos cidadãos ou definhará na passividade dos governantes.

A União Económica e Monetária vai vivendo entre dois fogos. Por um lado é um projecto irreversível; todos os países a vêem como um casamento para a vida. O euro será a única moeda em circulação e os bancos centrais nacionais perderão muito poder muito rapidamente. Neste sentido, a união monetária europeia é mais ambiciosa do que, por exemplo, a união monetária entre os estados americanos. A economia americana foi integrada de forma incipiente em 1789 mas passaram sete e duas tentativas falhadas de estabelecer um banco central décadas até à unificação efectiva da moeda. Quando o sistema do Federal Reserve foi estabelecido em 1913, emergiu magnificamente impreparado para atender às funções de banco emissor de última instância. A Grande Depressão provou-o no fim dos anos 20. O contracção monetária patrocinada pelo Fed agravou o que já era grave e abriu as portas a uma recessão pronunciada. Seguiu-se uma apertada regulação financeira e um sistema de seguros de depósito que finalmente sinalizaram a assunção pelo Fed das suas responsabilidades. Por menos palavras, as instituições levam tempo a estabelecer-se. O euro, apesar ou por causa dos seus objectivos ambiciosos, passará por essas dores de crescimento.

Mas o euro é também único porque a centralização da política monetária não foi acompanhada de maior coordenação política e fiscal explícita. A política fiscal continua a ser decidida por parlamentos nacionais e a sua harmonização não é associada ao futuro da moeda comum. Em comparação com o passado esta é uma união monetária com as voltas trocadas: nos Estados Unidos da América, na Itália e na Alemanha oitocentistas, a união política abriu caminho à união monetária; antes de aceitarem uma moeda universal, estes países viveram a integração dos mercados e a criação de uma política fiscal comum. Na Europa, a integração dos mercados chamou-se Mercado Único Europeu e 1992 foi a sua data. A coordenação fiscal não tem nome nem data. Este vazio político leva a indefinições, riscos e incertezas acrescidas quanto ao futuro do euro. Maiores riscos acarretam em economia perda de valor, numa palavra, depreciação.

A soma de objectivos ambiciosos com indefinição institucional faz prever uma união monetária flexível. As instituições vão responder «pari passu» aos incertos acontecimentos políticos e económicos. E as incertezas até à consolidação do euro são muitas mesmo. A primeira é a própria reputação do Banco Central Europeu. O BCE

navega hoje as águas revoltas da construção da sua legitimidade. Para isso, apoia-se naturalmente no historial dos bancos nacionais que o constituem. Mas a reputação anti-inflacionária de um Bundesbank esteve sempre escorada na aversão alemã às subidas de preços que tinham feito cair Weimar e levado Hitler ao poder. A credibilidade do Bundesbank e a vontade dos alemães eram literalmente as duas faces da mesma moeda. O Banco Central Europeu não herda automaticamente essa credibilidade. Constrói-a (ou não), crise a crise, com a vontade dos europeus. A indefinição presente da «personalidade» do BCE, o actor principal da união monetária, deprecia a moeda. Uma segunda incerteza é a ténue arquitectura democrática europeia. Se a política dos Bancos Centrais não é nunca decidida na rua, a incipiência das instituições políticas europeias obriga as instituições monetárias a actuar num vazio, demasiado isoladas do seu «público». Esta incerteza deprecia a moeda. Maior ainda é a incerteza que recai sobre o número futuro de membros da UEM e as suas características. Quem são os futuros membros da UEM? Que países do Leste Europeu e do Mediterrâneo participarão nas suas decisões futuras? Um elenco de actores assim indefinido retira ainda mais valor à moeda. Por último, permanece uma incerteza fundamental na esteira do euro: o enredo, a teia da acção. A história das uniões monetárias demonstra que um ou dois actores se tornam rapidamente predominantes e imprimiram o seu carácter ao sistema. Nos EUA, o Fed de Nova Iorque emergiu naturalmente como o motor principal do Federal Reserve System, dada a sua proximidade dos fluxos financeiros de Wall Street. Na Alemanha o Banco da Prússia e na Itália a Banca Nazionale nel Regno d'Italia tiveram o mesmo papel. Na Europa os papéis relativos da Alemanha, França e eventualmente Reino Unido estão por definir. Como a partilha tácita da presidência do BCE demonstrou. Como o debate na cimeira de Nice à volta da representação dos grandes e pequenos países na União Europeia demonstra.

Estas incertezas europeias distinguem-se em grau e natureza das que rodearam as unificações alemã, italiana ou dos EUA. Em contraste com o período do padrão-ouro do século XIX, os compromissos monetários são hoje menos explícitos mas não menos determinantes. Resta uma única certeza: a União Económica e Monetária na Europa enfrentará choques reais e perturbações estruturais inesperados. No passado, as uniões monetárias nacionais capazes de preservar a sua unidade política sobreviveram a embates similares. Se a Europa mostrou flexibilidade nas regras de acesso ao espaço euro, vai necessitar de toda a capacidade de mobilização política para enfrentar as crises que aí vêm com um grau de disciplina monetária credível. É nesse processo que se vão verdadeiramente consolidar, que se vão criar, as instituições monetárias europeias. A UEM nasceu da vontade política, contra várias objecções económicas. Só terá um futuro se a vontade política permanecer para além das vicissitudes económicas. Essa é a lição do passado.

***professor da Universidade Nova**

E-mail: jtavares@fe.unl.pt